



## O QUE ESTÁ EM JOGO NA COMPARAÇÃO DAS LITERATURAS?

JOBIM, José Luís<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresentará e discutirá questões levantadas no livro *Comparing the Literatures: Literary Studies in a Global Age*, que, dividido em capítulos baseados em algumas palavras-chave selecionadas, desenvolve núcleos temáticos relevantes, trazendo à baila autores, críticos e teóricos literários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comparando literaturas; Teoria

## WHAT IS AT STAKE IN THE COMPARISON OF LITERATURES?

**ABSTRACT:** This paper will present and discuss a few questions raised in David Damrosch's *Comparing the Literatures: Literary Studies in a Global Age*, a book that, divided into chapters based on some selected keywords, develops relevant thematic nuclei, bringing to the fore literary authors, critics and theorists.

**KEYWORDS:** Comparing literatures; Theory

O que está em jogo em um livro significativamente chamado *Comparing the Literatures – Literary Studies in a Global Age*? (Comparando as Literaturas - Estudos Literários em uma Era Global?)? A resposta não pode ser simples, porque nem o autor nem sua obra o são. Para Damrosch (2020, p. 7), o roteiro da produção do conhecimento comparatista envolve, entre

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Federal Fluminense, atuando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura. E-mail: jjobim@id.uff.br



outras coisas, a relação com os comparatistas e as comparações que nos precederam – por isso ele se propõe a oferecer em sua obra “uma ampla varredura histórica desde a virada do século XIX até o presente, observando particularmente os pontos decisivos na vida e no trabalho de pessoas que permanecem de vital importância para nossas preocupações e debates atuais”<sup>2</sup>.

De fato, ao longo do seu livro, Damrosch retoma muitas questões que estiveram presentes na Literatura Comparada pelo menos desde o século XIX, mas também inclui questões mais amplas que dizem respeito às Humanidades e à produção e transmissão do conhecimento. Na reflexão desenvolvida ao longo dos capítulos, em diálogo com críticos, teóricos e autores literários, Damrosch procura discutir o enquadramento, a matriz conceptual, os modos de argumentação em relação aos quais se situa a obra do comparatista. É uma reflexão que se faz num contexto em que já existe um quadro complexo – já se formularam questões, já se escreveram histórias, já se emitiram opiniões sobre o comparatismo. Portanto, comparar as literaturas pode até ser uma atividade realizada por uma pessoa singular, mas o livro nos lembra que ela é praticada dentro de um sistema cultural no qual muitos vestígios de atividades passadas e formas tradicionais de ação enraizadas em momentos anteriores ganham significado.

Em *Comparing the Literatures*, o autor retoma os significados que aquelas literaturas e as discussões sobre elas tiveram anteriormente, não apenas para contrastar com os que elas têm para nós hoje, mas também para construir novos significados. O livro de Damrosch também retoma muitas das ideias que ele expressou ao longo de sua carreira, algumas das quais levantaram uma série de objeções, feitas por diferentes autores e em diferentes circunstâncias. Ele frequentemente dialoga com essas objeções, mesmo quando não menciona explicitamente seus autores – talvez porque essas objeções tenham sido mais (ou menos) reiteradas por diferentes autores, *mutatis mutandis*. Esse diálogo não ocorre apenas em um capítulo nem trata apenas de um assunto específico – aliás, às vezes nem é visível para os leitores que não estão familiarizados com os interlocutores ou com os argumentos, mas nem por isso é menos importante.

*Comparing the Literatures* é um livro que, estruturado em capítulos a partir de algumas palavras-chave selecionadas, desenvolve núcleos temáticos relevantes, trazendo à tona autores literários, críticos e teóricos. Damrosch discute obras contemporâneas ou anteriores de forma ampla, geral e irrestrita, sem se esquivar de um posicionamento nas questões mais espinhosas. É um livro em que tanto o amplo espectro de leituras feitas pelo autor quanto seu cuidado com

---

<sup>2</sup> “a broadly historical sweep from the turn of the nineteenth century to the present, looking particularly at turning points in the lives and work of people who remain vitally relevant for our present concerns and debates.” Todas as traduções neste artigo são de minha responsabilidade.



a diversidade e inclusão ficam evidentes, evitando acusações já feitas a outros comparatistas – de que se concentram apenas em um número limitado de autores e países europeus. O esforço de inclusão é dirigido não apenas a outros continentes, mas, na Europa, a autores e obras de países fora do circuito França/Grã-Bretanha/Alemanha. Como são muitos os assuntos abordados por Damrosch, ao longo das 386 páginas de seu livro, vou me limitar a apenas comentar alguns deles aqui.

## TRADUÇÃO

A questão da tradução, apontada como central para o comparatismo pelo menos desde o século XIX, é abordada sob diversos ângulos e em mais de um capítulo. A análise crítica de Damrosch vai desde o tratamento dado a essa questão pelos fundadores da primeira revista de Literatura Comparada e *World Literature* – no capítulo de abertura, intitulado “Origens” – até a discussão sobre a tradução no século XXI.

No quinto capítulo (“Línguas”), Damrosch inicia a subseção intitulada *Translating the Untranslatable* (Traduzindo o Intraduzível) com uma menção às 20 “Teses sobre a Tradução” que abrem *The Translation Zone* (2006), de Emily Apter. Como a primeira é “Nada é traduzível”, Damrosch (2020, p. 178) já afirma: “Os pressupostos de intraduzibilidade são frequentemente tanto ideológicos quanto linguísticos, como quando uma língua sagrada inefável é considerada o único meio pelo qual a mensagem divina pode ser transmitida plenamente.”<sup>3</sup> Sua referência explícita é ao Alcorão, amplamente considerado intraduzível – “uma postura que não impediu de forma alguma sua disseminação mundial, tanto em árabe quanto no que um não-crente poderia pensar serem traduções”<sup>4</sup> (p. 178) – mas os leitores mais ligados a questões no campo da Literatura Comparada também podem pensar no *Dictionnaire des intraduisibles*, de 2004, que (em aparente contradição com seu próprio título) foi traduzido para o inglês pela própria Emily Apter, e por Jacques Lezra e Michael Wood, e publicado pela Princeton University Press em 2015<sup>5</sup>.

Segundo Damrosch (2020, p. 180), “ideias de intraduzibilidade foram intensificadas durante o período modernista, quando os escritores eram elogiados por escreverem obras

---

<sup>3</sup> “Assumptions of untranslatability are often as much ideological as linguistic, as when an ineffable sacred language is held to be the only medium in which the divine message can be fully conveyed.”

<sup>4</sup> “a stance that hasn’t at all impeded its worldwide dissemination, both in Arabic and in what a nonbeliever might think are translations”

<sup>5</sup> *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon*. Princeton University Press, 2015.



difíceis em um estilo próprio”<sup>6</sup> – e ele traz uma série de exemplos, de Benedetto Croce a Marinetti, de T. S. Eliot a Robert Frost. Para Damrosch (2020, p. 180), certa interpretação da afirmação de Frost de que “poesia é o que se perde na tradução”, citada como verdade geral, poderia levar à ideia de intraduzibilidade relacionada a um sentido único (e intraduzível) supostamente presente (como uma condição ontológica inerente) em um poema. E isso seria problemático: “Qualquer estudioso que endosse Frost quanto à intraduzibilidade também deveria desistir de escrever crítica literária”<sup>7</sup>.

Ele argumenta que, de fato, é comum em sistemas literários nacionais que obras “nacionais” e “estrangeiras” traduzidas coexistam no mesmo período, o que deve levar à consideração de que essas obras traduzidas não são “externas” aos sistemas nacionais – na verdade, são uma parte constituinte deles. Seria necessário, portanto, reformular os critérios de inclusão ou exclusão de autores e obras em histórias das literaturas nacionais, que normalmente excluem tudo o que não foi originalmente escrito na língua nacional. A permanência dessa exclusão estaria em clara contradição com os fatos:

Do século XVI até a época de Sterne, as obras espanholas e francesas muitas vezes superavam em número as produções caseiras nas livrarias de Londres. Seus enredos, temas e imagens chegaram à escrita inglesa da mesma forma que o material local, adotados por escritores que não isolaram as obras traduzidas em alguma pasta mental separada dos originais em inglês. As principais obras inglesas também não foram sempre publicadas na Inglaterra, ou mesmo em inglês. A *Utopia* de Sir Thomas More — escrita em latim e publicada na Holanda em 1516 — nunca foi publicada na Inglaterra durante a vida de More; só se tornou parte da literatura “inglesa” (definida de forma restrita) em 1551, quando foi finalmente publicada em Londres em uma tradução para o inglês. Os estudiosos das culturas semiperiféricas há muito estão bem cientes da presença ativa de obras traduzidas como partes constitutivas das tradições nacionais, embora essas percepções raramente tenham sido desenvolvidas por historiadores literários em culturas mais hegemônicas.<sup>8</sup> (DAMROSCH, 2020, p. 214-215)

---

<sup>6</sup> “ideas of untranslatability were heightened during the modernist period, when writers were praised for writing difficult works in a style uniquely their own”

<sup>7</sup> “Any scholar who endorses Frost on untranslatability should give up writing literary criticism as well.”

<sup>8</sup> “From the sixteenth century until Sterne’s day, Spanish and French works would often have outnumbered homegrown productions in London booksellers’ shops. Their plots, themes, and imagery made their way into English writing in much the same way as local material would do, adopted by writers who didn’t cordon off



Em nota pessoal, quando a discussão de Damrosch sobre tradução incluiu o argumento de George Steiner (em *After Babel*) de que houve (e ainda há) tantos milhares de línguas humanas porque, particularmente nos estágios arcaicos da história social, existem tantos grupos distintos pretendendo esconder uns dos outros as raízes herdadas e singulares de sua identidade, e empenhados em criar seus próprios mundos semânticos, suas “alternatividades”, devo confessar que um contraste interessante me veio à cabeça. A narrativa de Davi Kopenawa, explicando as diferenças entre as línguas, vai na direção oposta à da torre de Babel. Como se sabe, a narrativa da Torre de Babel (Gênesis 11:1-9) elabora uma explicação para o fato de os seres humanos falarem línguas diferentes: os homens logo após o Dilúvio teriam falado uma única língua e migraram para o leste, até chegarem em um lugar onde decidiram construir uma cidade e uma torre alta que alcançasse o céu. Deus, então, teria confundido a fala deles para que não pudessem mais se entender. Na versão do xamã Yanomami, as entidades Omama e Remori decidiram que os diferentes povos criados por eles não deveriam falar a mesma língua:

Acharam que o uso de uma só língua provocaria conflitos constantes entre eles, pois as más palavras de uns poderiam ser ouvidas sem dificuldade por todos os demais. Por isso deram outros modos de falar aos estrangeiros, e depois os separaram em terras diferentes. Então, ao fazerem surgir neles todas essas línguas, disseram-lhes: “Vocês não entenderão as palavras dos outros. Compreenderão apenas as suas e, assim, só irão brigar entre si. O mesmo acontecerá com eles.” (KOPENAWA; ALBERT, 2019, Loc 3909).<sup>9</sup>

Comparando a versão da torre de Babel com a de Remori/Omama, talvez possamos dizer que a narrativa bíblica tem um certo caráter de punição (Deus tornará impossível o entendimento mútuo baseado no uso de uma única língua), enquanto a ameríndia tem um caráter

---

translated works in some separate mental folder from English-language originals. Nor were major English works always published in England, or even in English. Sir Thomas More’s *Utopia*—written in Latin and published in Holland in 1516—was never published in England during More’s lifetime; it only became part of “English” literature (narrowly defined) in 1551, when it was finally published in London in an English translation. Scholars in semiperipheral cultures have long been well aware of the active presence of translated works as constitutive parts of national traditions, though these insights have rarely been developed by literary historians in more hegemonic cultures.“

<sup>9</sup> Ils ont pensé que l’usage d’une seule langue provoquerait des conflits incessants entre eux, car les mauvaises paroles des uns pourraient être entendues sans obstacle par tous les autres. C’est pourquoi ils ont attribué d’autres modes de parler aux étrangers puis les ont séparées sur des terres différentes. Alors, tout en faisant éclore toutes ces langues en eux, ils leur dirent : « Vous n’entendez pas les paroles des autres. Vous ne comprendrez que les vôtres et, de cette manière, vous ne vous querellerez qu’entre vous. Il en sera le même pour eux. » (KOPENAWA; ALBERT, 2010, p. 290).

de proteção ou contenção de possíveis conflitos, que surgiriam se todos falassem a mesma língua e pudessem compreender as agressões verbais mútuas.

## BIOGRAFIA E HUMOR

*Comparing the Literatures* é sobretudo obra de um autor erudito com uma visão ampla e variada do campo. Damrosch estruturou sua argumentação em capítulos que também poderiam ser transformados em livros (Origens; Emigrações; Política; Teorias; Línguas; Literaturas; Mundos; Comparações), e também adotou uma estratégia interessante para tratar os temas. Em vez de se referir diretamente aos assuntos variados e complexos de que trata, muitas vezes preferiu adotar uma abordagem “biográfica”, por assim dizer. Talvez com a intenção de facilitar para o leitor não necessariamente especializado, optou por incluir a vida dos autores que estuda juntamente com a discussão dos argumentos por eles desenvolvidos. A estratégia é inusitada, talvez porque exija um conhecimento mais abrangente do que seria necessário se fosse apenas para discutir os argumentos.

Claro, se eu também quisesse usar aqui alguns dados “biográficos” de David Damrosch para explicar essa estratégia talvez eu argumentasse que seu irmão Leopold já havia usado a abordagem “biográfica” antes, mas acredito que seja mais apropriado conectar sua abordagem à obra de Michael Holquist, a quem Damrosch menciona em seus agradecimentos. Holquist publicou com Katherina Clark um livro muito importante sobre Mikhail Bakhtin, no qual é explorada a vida do crítico russo – livro em que também faz uma espécie de “biografia” das ideias de Bakhtin, relacionando-as com os vários períodos em que surgiram na vida daquele autor russo, bem como aos fatos relativos ao surgimento delas. Até certo ponto, Damrosch segue seu caminho, mas há diferenças significativas. Em primeiro lugar, Damrosch não trata de um único autor, estudado detalhadamente, como fizeram Holquist e Clark, embora (como Holquist e Clark) atribua sentido às articulações entre as ideias e a vida dos autores que estuda. Em segundo lugar, ao lidar com os autores e suas obras, acrescenta um pouco de humor à sua escrita erudita – muitas vezes abertamente dirigida a si mesmo, desviando a atenção do leitor de certas críticas sérias que está fazendo ao mesmo tempo.

Por exemplo, falando de René Etiemble, o famoso *enfant gâté* do comparatismo francês, que ironicamente afirmou que qualquer imbecil que pretendesse fazer pesquisa conseguiria uma bolsa, fundos e um Instituto próprio, enquanto os tradutores, em quem a literatura comparada estava interessado apenas como “intermediários”, não tinham esses benefícios, Damrosch



(2020, p. 169-170) diz: “Mesmo imbecis com seus próprios institutos – inclusive eu – devem agora estar envolvidos com a tradução em uma extensão que o próprio Étiemble pode não ter previsto.”<sup>10</sup>

Em outra passagem do livro, depois de criticar o *Warwick Research Collective* (WReC) por não listar uma única obra em qualquer idioma que não seja o inglês e por nunca se referir aos originais ao discutir romances em língua estrangeira, Damrosch (2020, p. 194) cita a afirmação do WReC de que a insistência da Literatura Comparada na multilinguisticidade é mais frequentemente a vanguarda de um fetichismo inequívoco da linguagem (e, portanto, da autoridade da experiência profissional) do que de qualquer compromisso com o diálogo cultural ou a mutualidade social, mas ele também acrescenta que o WReC pode ter razão com Emily Apter:

Embora ela esteja certamente comprometida com o diálogo cultural, ela borrija sua prosa com termos franceses (*en soi*, *décalage*, *forçage*) que parecem ter mais a ver com apostar no capital cultural do francês do que com a falta de equivalentes em inglês para frases que acrescentam — o que devo dizer? — um certo *je ne sais quoi* ao seu estilo sofisticado.<sup>11</sup>

Questões importantes sobre *origens* no primeiro capítulo são apresentadas através da vida e opiniões de diferentes personagens, notadamente Madame de Staël e Herder, Hugo Meltzl e Hutcheson Macaulay Posnett — embora outros personagens, europeus e não europeus, também sejam mencionados. Como era de se esperar, Madame de Staël e Herder também são comparados por Damrosch:

Eles compartilhavam raízes iluministas amplamente comuns, mas em suas vidas e obras Herder e de Staël exibem uma série de oposições binárias de proporções saussurianas: Johann Gottfried Herder, filósofo-pregador de origem alemã humilde, o grande promotor da poesia popular, ardente apóstolo do nacionalismo alemão, luterano comprometido e homem de família dedicado, lutando para sobreviver; do outro lado do Reno, a rica aristocrata Germaine de Staël, famosa por seu salão parisiense, uma espécie de livre-

<sup>10</sup> “Even imbeciles with their own institutes—myself included—must now be engaged with translation to an extent that Étiemble himself might not have anticipated.”

<sup>11</sup> “Though she is certainly committed to cultural dialogue, she sprinkles her prose with French terms (*en soi*, *décalage*, *forçage*) that seem to have more to do with banking on the cultural capital of French than with any lack of English equivalents for phrases that add—what shall I say?—a certain *je ne sais quoi* to her upmarket style.”



pensadora, algo mais libertina (seus cinco filhos tiveram quatro pais diferentes), uma cosmopolita muito viajada, mas dedicada à sua brilhante vida em Paris, até que Napoleão a forçou ao exílio em seu castelo com fosso na costa do Lago Léman.<sup>12</sup>

Seguindo sua estratégia “biográfica”, Damrosch (2020, p. 15), além de apresentar dados literários (ambos foram escritores criativos — Herder um poeta talentoso, de Staël uma romancista *best-seller* — que exploraram temas sociais e políticos em seus prolíficos escritos), traz informações sobre a vida pessoal deles e também aponta alguns aspectos de seu trabalho que não são os mais citados.

Como se sabe, Herder tem sido muitas vezes apresentado como exemplo de uma espécie de “nacionalismo cultural”, que adota a concepção de nacionalismo como uma identidade herdada, acreditando que a nacionalidade é uma herança recebida por ter nascido em determinado país, pertencer a uma certa raça e falar uma certa língua, entre outras coisas. Conseqüentemente, a partir dessa posição, acredita-se que, independentemente da vontade do indivíduo, ele já adquire, ao nascer, o “espírito” ou a “alma” do povo ao qual pertence. Kohn (31) já afirmou que Herder foi o primeiro a insistir que a civilização humana se baseia não apenas em manifestações universais, mas também em manifestações nacionais e peculiares, acrescentando que as forças criativas do universal se tornam primariamente individuais não no ser humano singular, mas nas personalidades coletivas das comunidades humanas. Os homens seriam, acima de tudo, membros de suas comunidades nacionais; somente assim poderiam ser verdadeiramente criativos, por meio da língua e das tradições de seus povos. As canções populares (canções folclóricas) e o folclore, até então inteiramente deixados de lado, teriam sido vistos por Herder como as grandes manifestações do espírito criativo imaculado.

Damrosch relativiza esse “nacionalismo cultural”, trazendo inclusive argumentos de Gervinus — um “etnonacionalista” por assim dizer, que proclamava o abandono total dos modelos estrangeiros para a literatura nacional, e achava que Herder imitava as *Reliques of Ancient English Poetry* (1765), de Thomas Percy (um estrangeiro!).

---

<sup>12</sup> “They shared broadly common Enlightenment roots, but in their lives and work Herder and de Staël display a series of binary oppositions of Saussurean proportions: Johann Gottfried Herder, philosopher-preacher of humble German origins, the great promoter of folk poetry, an ardent apostle of German nationalism, a committed Lutheran and devoted family man, struggling to make ends meet; across the Rhine, the wealthy aristocrat Germaine de Staël, famous for her Parisian salon, something of a freethinker, something more of a libertine (her five children had four different fathers), a widely traveled cosmopolitan but devoted to her glittering life in Paris, until Napoleon forced her into exile in her moated chateau on the shore of Lac Léman.”



Claro, teríamos que levar em consideração que, no século XIX, a estruturação dos Estados-nação como entidades supostamente autônomas também foi responsável pelo surgimento do internacionalismo, a relação entre essas entidades. E no caso de Herder, estava em jogo a relação entre um estado-nação consolidado e vizinho (a França) e outro que só se consolidaria na segunda metade do século XIX (a Alemanha). A acusação de Gervino se inscreveu nesse contexto, como apontou Damrosch (2020, p. 19-20):

No entanto, o internacionalismo de Herder não era nem uma anglofilia reflexiva nem uma angustiada francofobia; ao contrário, foi fruto de uma profunda reflexão sobre as incertezas do pertencimento cultural em um mundo radicalmente relativista. A língua e a literatura podem ser o melhor índice da identidade nacional, mas Herder entendia a língua, a literatura e a própria identidade nacional como produtos comuns de um fluxo incessante.<sup>13</sup>

Para Damrosch (2020, p. 22-23), o comparatismo inicial de Herder em uma localização semiperiférica resultaria em um internacionalismo nacionalista, buscando por meio do estudo comparativo tanto destacar a integridade da cultura alemã quanto combater qualquer vaidade nacionalista, enfatizando a humanidade em comum, da qual qualquer cultura particular seria apenas uma expressão.

*De la littérature*, de Madame de Staël, por outro lado, é visto como obra de grande impacto na valorização da escrita feminina frente ao prestígio da tradição masculina dominante, além de seu mais conhecido impacto na discussão da cor local – ou de sua “ênfase na capacidade de resposta da literatura à sua sociedade”, nas palavras de Damrosch (2020, p. 27). Particularmente interessante para mim foi o exemplo de sua relevância para localidades periféricas distantes da França, que Damrosch cita em seu livro: a observação de Antonio Candido sobre *Niterói, Revista Brasiliense* – jornal publicado (em português) na Paris de 1836, que cita Madame de Staël (Magalhaens, 1836, p. 138) e também adapta as ideias dela sobre a rejeição de velhos cânones e a criação de uma literatura nacional baseada na cor local. Para as literaturas sul-americanas, tanto a adoção quanto a rejeição da cor local foram (e de certa forma ainda são) parte crucial da discussão sobre a própria literatura – e não é à toa que dois dos mais

---

<sup>13</sup> “Yet Herder’s internationalism was neither a reflexive Anglophilia nor an anxious Francophobia; instead, it was the fruit of deep reflection on the uncertainties of cultural belonging in a radically relativistic world. Language and literature may be the best index of national identity, but Herder understood language, literature, and national identity itself as common products of ceaseless flux.”



importantes autores do século XIX e Século XX (Machado de Assis e Jorge Luis Borges) escreveram sobre isso<sup>14</sup>.

A presença de Antonio Candido e de tantos outros críticos “periféricos” no livro de Damrosch, aliás, é uma demonstração de sua vontade de atingir outras comunidades acadêmicas. Como estudioso formado em Yale, de certa forma Damrosch (2020, p. 305) consegue se distanciar do eurouniversalismo que atribui a René Wellek, que em sua inovadora *Theory of Literature* admitiu a importância de outras partes do mundo (o “Oriente” e a América Latina), mas não incluiu um único nome de fora da Europa e América do Norte no índice desse livro. Damrosch toma muito cuidado para não repetir Wellek: no índice de *Comparing the Literatures* o leitor encontrará autores de muitas outras partes do mundo.

Damrosch (2020, p. 146-147) também é muito crítico sobre o “imperialismo linguístico”: “O inglês, o francês e (em um grau cada vez menor) o alemão são as línguas privilegiadas da teoria internacional”<sup>15</sup>. Ele aponta que quase todos os teóricos proeminentes do Sul global hoje escrevem em inglês ou francês – e seu destaque não pode ser separado deste fato:

As pessoas que escrevem em chinês ou hindi, ou mesmo nas línguas globais do espanhol ou português, são muito menos proeminentes. Geralmente encontram-se apenas um ou dois de seus trabalhos, muitas vezes traduzidos décadas depois de terem sido publicados, em contraste com a velocidade com que quase qualquer trabalho de Spivak ou Kristeva será traduzido para seu idioma.<sup>16</sup> (DAMROSCH, 2020, p. 147)

Sabemos que esta é uma questão recorrente nos estudos comparados desde pelo menos o século XIX, quando o próprio Ferdinand Brunetière (1899, p. 69) escreveu que o espírito nacional dependia de uma língua, cuja evolução, determinada por “ares, águas e lugares”, teria refletido em sua trajetória as imagens da terra natal; de uma língua falada por habitantes

---

<sup>14</sup> Cf. Jobim, José Luís. *Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações*. Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020.

<http://www.edicoesmakunaima.com.br/wp-content/uploads/2022/07/literatura-comparada-e-literatura-brasileira.pdf>

<sup>15</sup> “English, French, and (to a diminishing degree) German are the privileged languages of international theory.”

<sup>16</sup> “People writing in Chinese or Hindi, or even in the global languages of Spanish or Portuguese, are far less prominent. They are usually encountered only in one or two of their works, often translated decades after they were published, in contrast to the speed with which almost any work by Spivak or Kristeva will be translated into their language.”

ancestrais e, portanto, abençoada por eles com um significado tradicional que não seria compreendido por aqueles que não pronunciassem suas primeiras palavras nessa língua (ou a ouvissem quando bebês, antes de fazê-lo); numa língua, enfim, ilustrada por seus mestres e, a partir de seus modelos, disponível para ser emulada por todos aqueles que tentam escrever segundo esses modelos.

Damrosch (2020, p. 31) também aponta, ao discutir Hutcheson Macaulay Posnett e Hugo Meltzl como autores “periféricos”, as conquistas e limitações deles, ao buscar alternativas aos modos dominantes de estudo literário e cultural (o nacionalista e o cosmopolita):

Escrevendo a partir de posições limítrofes tanto cultural quanto institucionalmente, Posnett e Meltzl entenderam a facilidade com que o cosmopolitismo poderia descambar para seu aparente oposto, tornando-se uma forma de nacionalismo imperial. Tanto em suas complexas posições pessoais quanto em suas agendas intelectuais, Meltzl e Posnett oferecem importantes modelos iniciais para um comparatismo global hoje, mesmo que o eclipse de seus projetos ofereça lições de advertência às quais ainda devemos prestar atenção.<sup>17</sup>

Mesmo com as devidas ressalvas – pois, como escreveu Damrosch, tanto Meltzl quanto Posnett apresentaram ideias que ainda hoje são interessantes – o comparatismo na obra de ambos não pode ser dissociado do contexto da época, em que a expansão colonial europeia, com a tomada de territórios em diferentes partes do globo, e a necessidade de conhecer (para melhor controlar) as populações e condições de vida nas colônias, gerou uma série de produções bibliográficas que vão desde os relatos de viajantes, passando pelos testemunhos de europeus transplantados, até a trabalho de pesquisadores em diversas áreas do conhecimento. Como resultado, foi publicado um grande volume de textos que divulgavam uma série de representações – sobre paisagens, populações e a vida em geral nas colônias – que foram amplamente utilizadas em comparações.

Essas representações, consciente ou inconscientemente, tinham um viés comparativo, pois os autores europeus desses textos comparavam direta ou indiretamente o que encontravam

---

<sup>17</sup> “Writing from borderline positions both culturally and institutionally, Posnett and Meltzl understood the ease with which cosmopolitanism could collapse into its seeming opposite, becoming a form of imperial nationalism. Both in their complex personal positions and in their intellectual agendas, Meltzl and Posnett offer important early models for a global comparatism today, even as the eclipse of their projects offers cautionary lessons we should still heed.”



nas colônias com o que conheciam em suas respectivas pátrias. Dessa forma, como muitos comparatistas já demonstraram, os elementos encontrados na terra colonizada ganharam um significado mais relacionado às ideias ou teorias europeias do que à realidade das colônias. Damrosch está muito ciente dessas questões, quando resume a história do comparatismo do século XIX:

A história inicial dos estudos comparativos inclui o internacionalismo nacionalista de Herder, o cosmopolitismo feminista de de Staël, o evolucionismo social de Posnett, o políglotismo utópico de Meltzl e também o comparatismo estrategicamente alemão de Koch. Esta história não é uma história linear de progresso nem uma guerra de desgaste entre comparatistas cosmopolitas e seus rivais nacionalistas. Em vez disso, vemos as tentativas dos primeiros comparatistas de mediar suas próprias misturas internas de internacionalismo e pertencimento nacional, de lutar com problemas intratáveis de linguagem e tradução, de olhar para a literatura europeia como um todo e de levar em conta os novos mundos abertos por agentes do império e as literaturas muito mais antigas descobertas por egiptólogos e assiriólogos. No final do século, uma rede internacional de estudiosos estava trabalhando para entender as literaturas europeias e não europeias em seus próprios contextos e em relação às literaturas de outros lugares. Seu trabalho coletivo preparou o terreno para o crescimento da disciplina longe dos limites da Sociedade Asiática de Bengala ou da Universidade de Berlim. (DAMROSCH, 2020, p. 48-49)

## **LITERATURA NACIONAL *VERSUS* LITERATURA COMPARADA?**

Escrevendo no final do século XIX, Ferdinand Brunetière (1899, p. 62-63) disse que a crítica, autorizada pelas conclusões de estudiosos, filólogos e gramáticos, nos ensinou que naquele século as literaturas nacionais tentaram se concentrar em si mesmas, transformando-se na expressão do espírito de seu povo e de sua consciência, bem como de suas respectivas tradições (de forma herderiana, talvez possamos acrescentar). No entanto, Brunetière (66) também se pergunta se esse movimento de concentração nacionalista não seria em si uma prova da interpenetração recíproca entre diferentes literaturas e do medo de que elas percam suas qualidades nativas mais “originais”. Esse medo, ele argumenta, está presente não apenas na



literatura, mas também na cultura, na qual a interpenetração é ativa, contínua e irresistível. O exagero no nacionalismo literário é, portanto, na opinião de Brunetière, uma forma de resistir à tendência ao cosmopolitismo.

A *Acta Comparationis Litterarum Universarum*, editada por Hugo Meltzl e Samuel Brassai foi um dos casos trazidos por Damrosch para discutir a tensão entre cosmopolitismo e nacionalismo no século XIX. A *Acta* não era apenas radicalmente plurilinguística, mas também se propunha a comparar obras-primas da literatura mundial e ter uma ênfase herderiana em materiais orais e folclóricos: “Meltzl estava tentando uma síntese do globalismo elitista de Goethe com a ênfase populista de Herder no *folk*, tornando a *Acta* mais um refinamento dentro dos debates culturais alemães do que uma alternativa a eles (Damrosch 37-38)”<sup>18</sup>.

Se a *Acta* tentou contrariar o nacionalismo literário das grandes potências europeias, incluindo obras-primas de outras culturas ou literaturas de países menores, no entanto, o contexto abrangente era diferente, de acordo com Damrosch (2020, p. 35):

Ao longo do século XIX, a tendência acadêmica para as literaturas de algumas grandes potências foi reforçada por uma tendência para grandes línguas. Os escritores que viviam na Hungria e escreviam em húngaro estavam, portanto, em dupla desvantagem, um dilema enfatizado no final do século pelo comparatista dinamarquês Georg Brandes.<sup>19</sup>

Particularmente interessante para mim foi a menção ao crítico e historiador Georg Brandes, que em sua obra *Principais correntes da literatura do século XIX* tratou das literaturas da Inglaterra, França, Alemanha e Itália, mas não da Dinamarca, onde nasceu. Isso me lembrou Tobias Barreto (1839-1889), autor de *Traços de Literatura Comparada do século XIX* (1877). Como base do comparatismo, Barreto acreditava em um universalismo de base europeia, a ser veiculado na literatura do século XIX e também considerava o estudo de línguas e literaturas estrangeiras uma característica de seu tempo. No entanto, ainda que Barreto defenda que, como consequência do intercâmbio de ideias, as nações cultas fazem da Europa e de boa parte da América um povo único (p. 103-104), esse povo supostamente único foi apresentado hierarquicamente e as línguas e literaturas que importavam para ele eram poucas (todas

---

<sup>18</sup> “Meltzl was attempting a synthesis of Goethe’s elitist globalism with Herder’s populist emphasis on the folk, making the *Acta* more a refinement within German cultural debates than an alternative to them.”

<sup>19</sup> “Throughout the nineteenth century, the scholarly bias toward the literatures of a few major powers was reinforced by a bias toward major languages. Writers living in Hungary and writing in Hungarian were thus doubly disadvantaged, a dilemma emphasized at the century’s end by the Danish comparatist Georg Brandes.”



européias, nenhuma delas em português). Assim como Brandes, Barreto também excluiu a literatura de seu país, argumentando:

No vigente século, somente quatro nações, a Alemanha, a França, a Inglaterra e a Itália, têm estado à frente do movimento literário, e só as suas literaturas merecem o título de *Weltliteraturen*, como dizem os alemães, ou literaturas universais. Tudo o que de bom e aproveitável se há pensado, escrito e falado em qualquer outro lugar, neste ou naquele país epígono, tem sido sempre uma repercussão do pensamento original dos quatro países prógonos. (1892 [1877], p. 106)<sup>20</sup>

Nos estudos literários ainda circula uma certa concepção de que a Literatura Comparada se opõe às disciplinas das Literaturas “Nacionais”. De tempos em tempos, professores dessas disciplinas ou comparatistas reforçam essa concepção. Franco Moretti, por exemplo, verbalizou essa suposta oposição em suas “*Conjectures on World Literature*” (2000), mas Damrosch discorda da posição de Moretti de que a principal justificativa para o estudo da literatura mundial e para a existência de departamentos de Literatura Comparada é ser uma pedra no sapato, um desafio intelectual permanente para as literaturas nacionais — especialmente a literatura local. Damrosch argumenta que, embora essa posição possa ser considerada progressista nos Estados Unidos, pois se opõe ao nacionalismo isolacionista (que, aliás, estava em pauta quando Donald Trump adotou o lema *America first*), ela não leva em conta outros fatores:

Entre as populações colonizadas ou dominadas de outra forma, a literatura tem sido uma força primordial para promover a identidade nacional e mobilizar a oposição aos poderes imperiais ou hegemônicos e, como vimos com Hu Shih, a construção literária da nação muitas vezes teve uma dimensão comparativa e internacional significativa. Uma postura desdenhosamente antinacionalista não pode fazer justiça ao internacionalismo de muitas literaturas nacionais. (DAMROSCH, 2020, p. 208)<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Mais informações sobre o trabalho de Barreto em Jobim (2022).

<sup>21</sup> “Among colonized or otherwise dominated populations, literature has long been a prime force for fostering national identity and rallying opposition to imperial or hegemonic powers, and as we’ve seen with Hu Shih, literary nation-building has often had a significant comparative and international dimension. A dismissively antinationalistic stance can’t do justice to the internationalism of many national literatures.”



De fato, a reiterada presença, em sistemas literários “nacionais”, de autores “estrangeiros” traduzidos certamente indica que os panoramas históricos desses sistemas deveriam incluir os “estrangeiros traduzidos” como parte integrante, pois é difícil até mesmo imaginar uma tradição literária literatura “nacional” completamente isolada, sem qualquer ponte para outras tradições. E se o critério para uma obra literária ser “nacional” é ter sido produzida em território nacional, haveria ainda outros argumentos, segundo Damrosch (213):

Os emigrados e as populações tradicionais escreveram frequentemente em línguas diferentes da língua nacional predominante, mas até recentemente os poetas americanos que escreviam em espanhol ou iídiche raramente eram incluídos em cursos panorâmicos ou antologias de literatura americana, enquanto o irlandês e o galês foram banidos completamente do currículo na Inglaterra do século XIX. Mesmo no caso de um grande escritor canônico como Milton, apenas sua poesia em língua inglesa é comumente ensinada: nenhuma antologia panorâmica da literatura inglesa que eu conheça inclui qualquer um dos poemas latinos de Milton. Embora Milton fosse fluente em latim e orgulhoso de sua habilidade poética na linguagem da diplomacia e da investigação humanística, tomamos como certo que seus poemas latinos não valem a pena — um julgamento que a maioria de nós fez sem nunca ter lido qualquer um deles. Da mesma forma, Ghalib, que escreveu tanto em persa quanto em urdu, é amado na Índia como poeta urdu e ignorado como poeta persa — embora o próprio Ghalib preferisse seus poemas persas aos em urdu.<sup>22</sup>

Se as disciplinas de “literatura nacional” tendem a dividir seus currículos em seções históricas, nas quais os períodos literários estudados têm seus próprios cânones – que incluem apenas autores que escrevem na língua “nacional”, então as obras que não são escritas nessa

---

<sup>22</sup> Émigrés and heritage populations have frequently written in languages other than the predominant national language, but until recently American poets who wrote in Spanish or Yiddish were rarely included in survey courses or anthologies of American literature, while Irish and Welsh were banished outright from the curriculum in nineteenth-century England. Even in the case of a major canonical writer such as Milton, only his English-language poetry is commonly taught: no survey anthology of English literature that I know of includes any of Milton’s Latin poems. Though Milton was fluent in Latin and proud of his poetic ability in the language of diplomacy and of humanistic inquiry, we take it for granted that his Latin poems aren’t worth our while—a judgment that most of us have made without ever having read any of them. Similarly, Ghalib, who wrote both in Persian and in Urdu, is beloved in India as an Urdu poet and ignored as a Persian poet— even though Ghalib himself preferred his Persian poems to his Urdu ones.”



língua tendem a ser excluídas. Na América do Sul, por exemplo, seria frequentemente o caso das narrativas em línguas ameríndias.

## QUESTÕES IMPORTANTES

Uma das características mais relevantes de *Comparing the Literatures* é a formulação sintética das opiniões do autor, que aparecem ao longo do livro, muitas vezes após longas digressões ou discussões com outros autores. Como este artigo não pretende (e nem pode) ser abrangente, apenas comentarei algumas dessas formulações, além daquelas que já foram apresentadas e discutidas em passagens anteriores.

Acho que a afirmação de Damrosch de que os comparatistas precisam não apenas ter um bom entendimento do que eles querem dizer com “literatura”, mas também considerar que uma literatura inclui o conjunto de obras que compõem uma cultura literária, seu cânone e sua tradição histórica, é crucial, “especialmente com as muitas tradições criadas fora do mundo ocidental, ou dentro do próprio Ocidente em períodos anteriores à adoção geral da concepção beletrística da literatura formulada na França do século XVIII”<sup>23</sup>, como ele explica: “Esta não é uma questão óbvia, especialmente com as muitas tradições criadas fora do mundo ocidental, ou dentro do próprio Ocidente em períodos anteriores à adoção geral da concepção beletrística da literatura formulada na França do século XVIII (DAMROSCH, 2020, p. 208)<sup>24</sup>.”

Também destaquei as ideias de Damrosch sobre a desconsideração mútua entre comparatistas e pessoas que trabalham com uma única literatura, mas nunca é demais citá-lo, quando ele diz que todos que fazem trabalhos comparativos precisam pensar de forma mais criativa sobre a vitalidade do nacional em tradições com as quais – e contra as quais – os comparatistas se engajam (DAMROSCH, 2020, p. 209) ou quando ele diz que não é mais necessário opor o nacional ao transcultural ou o comparativo ao global: “Um estudo de base nacional pode tratar questões globais à medida que surgem em um determinado tempo e lugar, e as duas extremidades do espectro local-global podem se unir quando consideramos o mundo dentro da nação (DAMROSCH, 2020, p. 314)<sup>25</sup>.”

---

<sup>23</sup> “especially with the many traditions created outside the Western world, or within the West itself in periods before the general adoption of the belletristic conception of literature formulated in eighteenth-century France”

<sup>24</sup> “This is no obvious question, especially with the many traditions created outside the Western world, or within the West itself in periods before the general adoption of the belletristic conception of literature formulated in eighteenth-century France.”

<sup>25</sup> “A nation-based study can treat global issues as they emerge in a given time and place, and the two ends of the local–global spectrum can join when we consider the world within the nation.”



Se também posso concordar com Damrosch (2020, p. 318) quando ele diz que um uso principal da comparação intercultural – não importa como seja rotulada – é abrir e testar nossos conceitos contra uma gama mais ampla de experiências históricas e formas culturais de expressão, como fazem muitos dos nossos colegas comparatistas, incluindo obras produzidas fora da Zona Euro, penso que a sua afirmação mais importante não está na sua conclusão, mas sim na sua introdução:

Não existe nenhum conjunto singular de línguas, cânones de textos ou corpo de teoria que todo comparatista precise saber, mas cada um de nós deve ter uma boa noção das opções disponíveis para cada uma dessas categorias e saber o que estamos fazendo quando fazemos nossas escolhas de materiais e métodos. (DAMROSCH, 2020, p. 7)<sup>26</sup>

Se nós comparatistas adotássemos esta observação como um tipo de mote para nosso trabalho, talvez nosso campo de atuação estivesse em melhores condições hoje.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Tobias. “Traços de literatura comparada do século XIX” (1877). In: *Estudos alemães*, publicação póstuma dirigida por Silvio Romero, Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1892, p. 103-200.
- BRUNETIÈRE, Ferdinand. La littérature européenne au XIXe siècle. In : *Revue des Deux Mondes*, LXIXe année, quatrième période, t. 156, 1899, p. 2-77.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 2. ed. rev. São Paulo: Martins, 1964.
- DAMROSCH, David. *Comparing the Literatures – Literary Studies in a Global Age*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2020.
- JOBIM, José Luís. North-South Comparatism: New Worldism, Theories of Lack and Acclimatization. *Journal of Foreign Languages and Cultures*, v. 6, p. 026 - 037, 2022.
- \_\_\_\_\_. *Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações*. Rio de Janeiro : Makunaima ; BoaVista : Editora da Universidade Federal de Roraima,

---

<sup>26</sup> “There is no single set of languages, canon of texts, or body of theory that every comparatist needs to know, but each of us ought to get a good sense of the options available to us under each of these categories, and to know what we're doing when we make our choices of materials and methods.”



2020. <http://www.edicoesmakunaima.com.br/wp-content/uploads/2022/07/literatura-comparada-e-literatura-brasileira.pdf>

KOHN, Hans. *Nationalism: its Meaning and History*. New York: D. Van Nostrand, 1955.

Steiner, George. *After Babel: Aspects of Language and Translation*. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press, 1998.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *La chute du ciel. Paroles d'un chaman yanomani*. Paris: Terre Humaine, 2010.

\_\_\_\_\_. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2019. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Edição Kindle.

MAGALHAENS, Domingos José Gonçalves de. “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil.” In: *Nitheroy, revista brasiliense*. Tomo primeiro, n. 1. Paris: Dauvin et Fontaine, 1836, p. 132- 159.